



ISSN 1984-5634

APRESENTAÇÃO

CULTURAS VISUAIS E SONORAS: EXPRESSÕES ARTÍSTICAS E REPRESENTAÇÕES NA HISTÓRIA

CARLOS EDUARDO PEREIRA DE OLIVEIRA*
IGOR LEMOS MOREIRA**

A produção historiográfica recente vem sendo perpassada por novas reflexões sobre os campos das visualidades e sonoridades, demonstrando a interação entre estas expressões artísticas e comunicacionais com e em distintas temporalidades. Através das culturais visuais e/ou sonoras, relacionadas com seu contexto de produção e circulação, historiadores/as analisam a mobilização de signos, referências e usos do passado, evocados nas narrativas e discursos. As representações, passíveis de análise, passam não somente a ser consideradas como presentes nas práticas sociais, culturais, políticas e econômicas, mas encontram-se também elaboradas nas e através das diferentes formas de expressão artística, nos distintos suportes de veiculação das mídias visuais e sonoras, e associados a grupos ou à expressão individual.

Entre presenças e ausências, as representações – sejam elas individuais ou coletivas –, são elaboradas justamente a partir de práticas sociais, culturais, políticas e econômicas. Relacionadas com contextos espaciais, sociais e transitando entre múltiplas temporalidades, elas mobilizam uma série de usos do passado, nas quais as visualidades e sonoridades ocupam papel destacado. Nos últimos anos, a produção historiográfica sobre essas questões tem demonstrado que, além de sua predominância nos séculos XX e XXI, as expressões artísticas e sociais são dotadas de profundas relações com diversas camadas de temporalidades que permeiam o tempo vivido, e também constituem formas seculares de comunicação entre grupos, indivíduos e nações.

EDITOR-CHEFE:

Andrei Marcelo da Rosa

EDITORE-GERENTE:

Rame Ferreira

COMO CITAR:

OLIVEIRA, C. E. P.; MOREIRA, I. L. Culturas visuais e sonoras: expressões artísticas e representações na história. *Aedos*, Porto Alegre, v. 16, n. 38, p. 4-8, jan.–jun., 2025.

<https://seer.ufrgs.br/aedos/>

* Doutor em História pela Universidade do Estado de Santa Catarina. Editor de Seção no portal “A Música De: História Pública da música no Brasil”. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-0156-5460>. E-mail: kaduoliveira23@gmail.com

** Doutor em História pela Universidade do Estado de Santa Catarina. Professor substituto no Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Santa Catarina e Pós-doutorando no Instituto das Cidades da Universidade Federal de São Paulo. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-6353-7540>. E-mail: igorlemoreira@gmail.com

Essa complexidade de análises e temas está presente no dossiê *Culturas visuais e sonoras: expressões artísticas e representações na história*. Ao longo das 20 produções aqui selecionadas, é possível visualizar aspectos caros para a historiografia contemporânea, assim como a renovação de objetos de pesquisa e a abertura para outras possibilidades de compreensão sobre o passado. Assim, o grupo de pesquisadores/as reunido neste volume demonstra, a partir de perspectivas variadas, a potencialidade do campo das visualidades e sonoridades. Além de temáticas com profundas discussões no campo historiográfico, apresentam-se outras em diálogo inerente com o tempo presente e a cultura digital. A construção histórica realizada por jogos eletrônicos, pelas indústrias da cultura ou narrativas em *webcomics* são apenas alguns dos exemplos aqui apresentados, em diálogo com outras formas de artes, como teatro, dança, fotografia, artes visuais, música e televisão. Tal pluralidade temática, analítica e investigativa se expressa no conjunto de textos que apresentamos a seguir.

O artigo *Guardiões do “Brasil Verde”: representações do Brasil Amazônico em jogos eletrônicos da década de 1990*, escrito por Rodrigo José Rodrigues Maciel e Gilberto Freire de Santana, analisa as representações do Brasil nos jogos: *Street Fighter II: The World Warriors (1991)*, *Fight Fever (1994)* e *Darkstalkers: The Night Warriors (1994)*. A partir da semiótica peirceana, os autores procuram discutir as formas como jogos produzidos no “exterior” criam sentidos, representações e projetam imagens sobre o Brasil a partir dos signos em tela.

Em *Os aversivos braços da suástica virtual: análises sobre as representações dos símbolos nazistas em jogos eletrônicos*, Cássio Remus de Paula analisa a construção histórica sobre a Segunda Guerra Mundial e os símbolos nazistas a partir da narrativa de jogos como *Wolfenstein*, *Medal of Honor*, *Call of Duty* e *Battlefield*. Para tanto, tece importante discussão sobre diferentes percepções sobre o conhecimento histórico, além de discutir a veiculação de simbologia nazista como parte crucial para a prática dos jogos citados.

Em *A abolição dos escravos: memórias e representações de gênero na pintura histórica de Raimundo Cela*, Berenice Abreu de Castro Neves e Raquel Lopes da Silva procuram analisar as memórias construídas sobre a abolição no Ceará e quais os lugares atribuídos a homens e mulheres no processo. Partindo da obra *Abolição dos escravos (1938)*, de Raimundo Cela, as autoras debatem de que modo o autor, ao representar a abolição no Ceará numa região praieira, estabelecem marcadores de identificações que são perpassados por relações de gênero, classe e raça.

Soar dos pincéis: a música em duas pinturas da Ordem Terceira do Carmo do Recife (Século XVIII), de Rafael Lima Meireles de Queiroz, articula música e visualidade ao analisar dois painéis situados no forro da Igreja da Ordem Terceira do Carmo do Recife que retratam figuras “divinas” segurando instrumentos musicais, de modo a explorar o papel da música na arte sacra e como as artes visuais podem ser consideradas uma fonte fecunda para o estudo da música em tempos pré-fonogramas.

Em *O feminino e a loucura: um estudo sobre a representação de Cassandra na arte do século XIX*, Letícia Schneider Ferreira e Muriel Rodrigues de Freitas discutem sobre os discursos construídos e disseminados acerca da associação entre mulheres e loucura. A partir de obras que retratam o mito grego de Cassandra ao longo do século XIX, as autoras elencam expressões corporais escolhidas pelos pintores e como elas são atribuídas ao discurso da loucura feminina.

A fotografia entre tempos é discutida por Jonathan Machado da Fonseca em *Estudo comparativo entre Rotimi Fani-Kayode e Robert Mapplethorpe sobre a representação da masculinidade negra*. Fonseca

discute diferentes camadas de representação sobre a masculinidade, homossexualidade e negritude, a partir do trabalho dos dois fotógrafos destacados no título. Em uma análise comparativa, o autor aponta suas semelhanças e distanciamentos nessas temáticas, tendo como partida suas fotografias.

O artigo *Let it Loose (1987): Uma análise historiográfica de um álbum pop*, de Igor Lemos Moreira, analisa o álbum da banda *Gloria Estefan em Miami Sound Machine* como um fragmento representativo da música *pop* dos anos 1980. Partindo do álbum, o autor procura entender os elementos que estruturavam o gênero musical no período, bem como suas lógicas comerciais em pleno processo de consolidação da *pop music*. Deste modo, Moreira busca historicizar o fonograma não enquanto isolado de seu contexto, mas enquanto evidência do processo vivido pelas indústrias culturais e que veio a definir padrões fundamentais para o *mainstream* globalmente.

Marcelo Fidelis Kockel, em *Música serve para isso: polifonia, humor e irreverência na cena Off da: música paulistana dos finais de 1980*, analisa o cenário alternativo da música paulistana através das produções dos grupos *Os Mulheres Negras*, *Luni* e *Nouvelle Cuisine*. Partindo em especial da imprensa e de entrevistas com ex-integrantes dos grupos, o autor procura demonstrar como essas bandas podem ser inseridas numa zona fronteira, num entre-lugar, de modo a questionar as tradicionais concepções sobre os gêneros musicais e a pensar a música e a história da música a partir de outros elementos, como o humor e a polifonia.

Em *Almirante, o artista organizador: a história da música brasileira irradiada*, de Carlos Gregório dos Santos Gianelli, nos aproximamos da trajetória e produção do radialista Henrique Foréis Domingues, conhecido popularmente como Almirante. A partir dos programas veiculados na Rádio Nacional, Gianelli busca compreender a ação do radialista na promoção de narrativas sobre a identidade nacional, com particular ênfase nos usos e sentidos atribuídos à música brasileira, bem como aos artistas populares entre os anos 1930 e 1950.

Em *O rock fascista e a representação de um Brasil antidemocrático (1990-2020)*, Pedro Carvalho Oliveira discute as representações sobre o Brasil produzidas por bandas de rock fascistas ao longo das três últimas décadas. Procurando perceber como estes grupos elaboram representações sobre as identidades nacionais, o autor demonstra que o uso de determinadas identificações por estes sujeitos pode ser compreendido como instrumento central para a construção de discursos anti democráticos e de mobilização dentro dos fascismos contemporâneos.

O carnaval e suas canções são analisados por Cesar Agenor Fernandes da Silva e Luiz Henrique da Silva Carvalho. Em *Memória e História Pública na Avenida: sambas-enredo e as questões étnico-raciais no carnaval carioca de 1988 e 2018*, os autores partem de sinopses e letras de sambas-enredo para problematizar as narrativas históricas elaboradas nesse espaço público. O cruzamento com a História Pública potencializa as análises sobre esta manifestação cultural, principalmente no que toca à valorização e leitura a contrapelo da identidade cultural afro-brasileira.

Davi Miguel de Souza Santos traz uma artista versátil e impactante na trajetória da música feita no Brasil. Em *Eliana Pittman corre mundo: a trajetória de uma intérprete múltipla (1961-1979)*, vimos os caminhos que a destacam como uma das grandes intérpretes da música no país, através de seu trânsito entre diferentes fronteiras – sejam elas espaciais ou musicais. Santos a relaciona com temáticas caras à história social da música popular, como também seu cruzamento com discussões sobre raça e classe.

A canção brasileira também é tema para André Luiz Rocha Mattos Caviola, a partir da trajetória de Belchior e seus contatos com outros artistas. Em *Antônio Carlos Belchior: um saber poético-musical*, o autor nos permite visualizar os impactos dessas interações entre o músico e seus pares, lançando pistas sobre sua construção cancional a partir da análise de duas canções: *Monólogo das Grandezas do Brasil* (1982) e *Bahiuno* (1993). Ademais, faz uma leitura de sua obra que afasta um pretensão isolamento de Belchior, além de localizá-lo como um articulador de temporalidades.

O fenômeno cultural *vaporwave* é discutido em *Retrô, futurista, greco-romano: representações estéticas no gênero musical Vaporwave*, de Isaias Maraschin Pavan. A preocupação de Pavan é tecer elementos para compreender uma estética fruto do tempo presente e da cultura cibernética, no diálogo com temporalidades distintas e nostálgicas. Para isso, parte de diferentes produções localizadas nesse segmento musical, além de articular elementos para além dos sonoros, como a análise de capas de álbuns.

Em *Integração latino-americana a partir da canção popular engajada: sensibilidades e potencialidades populares no Concierto Por La Paz en Centroamérica* (1983), Luís Felipe Machado de Genaro nos apresenta uma peça audiovisual importante na análise sobre a Nova Canção Latino-Americana, que versa sobre a festividade ocorrida em Manágua, capital da Nicarágua. Seu objetivo é localizar o festival *Concierto Por La Paz* enquanto acontecimento de grande proeminência para a trajetória histórica do movimento, colocando as canções como documento de um período histórico.

Em *A redemocratização em diálogo com a ficção televisiva: os manuais de boas maneiras em Vale Tudo* (1988), Adrian de Souza Santos problematiza as relações entre a telenovela *Vale Tudo* (1988) e o processo de redemocratização no Brasil, na tentativa de evidenciar a força da produção novelesca na difusão de práticas e representações sobre o país, vinculadas em especial a discursos e valores morais do período.

O impacto do Teatro Experimental do Negro em diferentes temporalidades é analisado por Daniela Alves dos Santos no seu artigo *Comparação entre o passado e o contemporâneo: o impacto do TEN e do afrofuturismo na promoção da igualdade racial brasileira*. A autora parte de duas peças distantes temporalmente, *O Imperador Jones* (1945) e *Antimemórias de uma Travessia Interrompida* (2018), para compreender seu papel na discussão de questões raciais e na reconfiguração das representações sociais. Para isso, costura diferentes cosmovisões negras construídas nas artes em diferentes tempos históricos.

A iconoclastia como reivindicação de memória, espaço e tempo: um estudo da destruição dos monumentos confederados nos Estados Unidos, de Sandro Marques dos Santos, nos defronta com o candente tema dos monumentos no tempo presente. A partir da discussão sobre a iconoclastia confederada nos Estados Unidos, Santos aborda as disputas em torno da memória desses monumentos e suas reverberações no tempo.

Dança e memória são temas centrais em *Entre cenas, cenários e identidades: pistas de uma cidade que dança suas memórias*, de Denise Prado Costa. Seu objetivo é investigar as danças em Rio Grande, localizadas em um processo cultural que bebe da memória de mulheres da cidade. Para discutir esses pontos, a autora cruza entrevistas com acervos fotográficos e reportagens de jornais, transitando entre diferentes pistas de memória.

História em quadrinhos e suas versões digitais aparecem como objeto de análise em *Representação como narrativas contra-hegemônicas: a violência policial nas webcomics Os Santos e Confinada*, de Gustavo Machado da Silveira. Com foco em três capítulos das obras destacadas no título, Silveira aborda representações sobre a violência policial contra populações negras no Brasil.

Culturas visuais e sonoras atravessam o tempo presente, configurando um elemento central de nossa cultura histórica e, por desdobramento, de nossas identidades e consciências temporais. Viver em um mundo atravessado por elas – e que também as produz numa relação complexa e constante – significa reconhecer que nossa memória é parte de uma produção de culturas entranhadas nas relações entre o ver, o ouvir e o sentir. Enquanto linguagens e expressões artísticas, visualidades e sonoridades são produtoras de representações sobre o passado a partir do tempo presente, ao passo que também – aos olhos do presente – indicam elementos e permitem a problematização do passado e de como nossa contemporaneidade analisa processos e experiências anteriores, como lembra Didi-Huberman (2010).

Com temas variados e plurais, os artigos reunidos no dossiê *Culturas visuais e sonoras: expressões artísticas e representações na história* encontram-se em diferentes pontos. Seja promovendo olhares inovadores sobre o campo do sonoro por meio da arte, analisando a produção de imagens por meio dos sons, ou mesmo articulando sons e visualidades na produção de sentidos – para citar apenas alguns exemplos –, o coletivo demonstra a produtividade de um campo já estabilizado na historiografia e nas ciências humanas, mas que não cessa de se expandir e inovar. Tal coletividade demonstra, por outro lado, a latência e demanda pela expansão de tal agenda de pesquisas, evidenciando ainda uma série de lacunas passíveis de análises e tantas outras análises que podem e devem ser revistas, revisitadas e retrabalhadas.

As representações elaboradas visual e/ou sonoramente que foram analisadas ao longo desse dossiê podem, a nosso ver, ser consideradas vetores de sentidos ao passo que, paralelamente, são também parte destes sentidos conforme sua significação passa a depender justamente dessa produção. Neste aspecto, o que os artigos nesse dossiê reúnem são, de certa forma, “operações que vinculam e desvinculam o visível e sua significação, ou a palavra e seu efeito, que produzem e frustram expectativas” (RANCIÈRE, 2012, p. 13). Como uma espécie de mapeamento de pesquisas em andamento, o dossiê que se encontra agora disponível para leitura é, também, um convite a uma experiência. Esta, que atravessa e nos move enquanto investigadores ou apenas curiosos, ao desafio de ver e ouvir de outras maneiras, encarando os desafios de nosso tempo vivido – que é, também, um tempo da imagem e do som.

REFERÊNCIAS

DIDI-HUBERMAN, Georges. *O que vemos, o que nos olha*. 2. ed. São Paulo: Ed. 34, 2010.

RANCIÈRE, Jacques. *O destino das imagens*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.